

A close-up, stylized illustration of Maléfica's face. She has green skin, large purple eyes with yellow highlights, and dark purple, pointed ears. Her expression is serious and slightly menacing. The background is black with some green and purple highlights.

SERENA VALENTINO

*Maléfica:  
a Rainha do  
Mal*

---

A HISTÓRIA DA FADA DAS TREVAS

---

*Malévola:  
a Rainha do  
Mal*

Universo dos Livros Editora Ltda.  
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606  
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP  
Telefone/Fax: (11) 3392-3336  
[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)  
e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)  
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

SERENA VALENTINO

*Malévola:  
a Rainha do  
Mal*

---

A HISTÓRIA DA FADA DAS  
TREVAS

---

São Paulo  
2018

Grupo Editorial  
**UNIVERSO DOS LIVROS**

*Mistress of all evil*

Adapted in part from Disney's *Sleeping Beauty*

Copyright 2017 © Disney Enterprises, Inc.

Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.

All rights reserved.

© 2018 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Cristina Calderini Tognelli**

Preparação: **Cely Couto**

Revisão: **Juliana Gregolin e Geisa Oliveira**

Arte e adaptação de capa: **Aline Maria e Valdinei Gomes**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

V252m Valentino, Serena

Malévola : a rainha do mal : a história da fada das trevas / Serena  
Valentino ; tradução de [Cristina Calderini Tognelli]. — São Paulo :  
Universo dos Livros, 2018.  
240 p.

ISBN: 978-85-503-0288-1

Título original: Mistress of all evil

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Tognelli, Cristina Calderini

18-0157

CDD 028.5

---

*Em memória de minha irmãzinha Jesse,  
minha linda e particular fada das trevas.*

*— Serena Valentino*

## PRÓLOGO

O castelo da Fada das Trevas estava sinistramente destacado contra o céu tempestuoso em virtude de uma névoa verde incandescente e esplêndida, em espiral. De súbito, um jorro de luz verde disparou a partir da torre mais alta, alertando cada criatura nas proximidades de que Malévola estava absolutamente furiosa. Seus lacaios estremeceram quando o castelo tremeu com força devido à intensidade da sua fúria, fazendo com que seu amado bando de corvos levantasse voo. Por quase dezesseis anos suas criaturas estiveram à procura da princesa Aurora. Tudo em vão, porém. Agora a garota voltava para casa, no castelo do Rei Estevão, para celebrar seu décimo sexto aniversário, pronta para assumir seu lugar na Corte Real.

Malévola andava de um lado ao outro em seus aposentos privativos. Não conseguia localizar as irmãs esquisitas com seus corvos e suas galhas.

– Por que não me deram ouvidos? – murmurou furiosa. – Elas *jamais* deveriam ter confiado em Úrsula!

Malévola precisava das irmãs agora mais do que nunca e temia que tivessem desaparecido. Aproximou-se do espelho encantado pendurado na parede. As irmãs esquisitas deram-no a ela muitos anos atrás.

– Mostre-me Lucinda! Mostre-me Ruby! Mostre-me Martha! – ordenou. A superfície do espelho tremulou com uma luz violeta brilhante. A Fada das Trevas nunca dominara completamente a magia do espelho como as irmãs o faziam, e raramente usava o presente dado. No entanto, um instante depois, imagens enevoadas das irmãs apareceram no espelho. Caminhavam sem destino em um grande cômodo refletido. Pareciam estar chamando um nome repetidamente, mas Malévola não conseguia discernir suas palavras.

– Lucinda! Consegue me ouvir? Irmãs! Preciso de vocês! – Malévola exclamou. Por um momento, acreditou que as irmãs a tivessem ouvido

porque abruptamente deixaram de vaguear.

– Irmãs! Onde vocês estão? Preciso da ajuda de vocês com Aurora! – Malévola gritou.

De repente, a imagem de Lucinda ficou mais definida no espelho. Seu rosto tremulou na névoa púrpura da magia enquanto anunciava ordens frenéticas à Fada das Trevas.

– Você precisa entrar no castelo, Malévola! Vá através do fogo! Através da fumaça! Através de rimas! Vá por quaisquer meios disponíveis, mas vá! Crie o instrumento mundano para arruiná-la se for preciso e mande-a para o mundo dos sonhos. Estaremos esperando por ela. Mas você tem de encontrar um meio de garantir que ela nunca desperte! Nossos poderes não são os mesmos neste lugar. Tudo depende de você! Agora vá!

E assim, tão rápido quanto surgiu, Lucinda desapareceu. Malévola viu apenas seu próprio rosto verde refletido na superfície do espelho. Por mais que clamasse por Lucinda e por suas irmãs, Malévola não conseguiu convocá-las de novo. Estilhaçou o espelho em pedaços minúsculos com seu cajado, mais zangada do que nunca por conta da tolice das irmãs esquisitas.

Malévola se voltou para seu amado corvo de estimação, Diaval, que estava empoleirado em seu ombro.

– Ao que parece, as irmãs esquisitas estão perdidas na Terra dos Sonhos. Eu lhes alertei que algo assim aconteceria caso ajudassem Úrsula! Não me deram ouvidos, as *tolas*!

Malévola apertou o cajado com ainda mais força. A esfera verde no topo começou a brilhar.

– Usarei fogo, fumaça e rimas! Aquelas fadas intrometidas acreditaram que poderiam manter sua adorada Rosa escondida de mim. Pensaram que a manteriam a salvo. Mas sei que o rei e a rainha estão com sua preciosa princesa dentro do castelo neste exato instante!

Malévola avançou para junto da lareira.

– Usarei fogo! – exclamou ao bater o cajado com força no chão de pedras. O castelo sacudiu quando uma labareda alta se fez na lareira, acompanhada por um fogo idêntico no quarto da Princesa Aurora. Através das chamas, Malévola viu Aurora chorando. – Pobrezinha, ela não sabe que seu noivo é seu amor verdadeiro! Melhor assim.

– Agora usarei rimas – Malévola declarou, apagando o fogo e fechando os olhos conforme as palavras de seu feitiço maligno rodopiavam em seus pensamentos.

*Leve-me à Rosa querida  
e torne esta história finda.  
À noite, toque o fuso,*

*por fogo e fumo por mim aceso.  
O sono possuirá sua Rosa amada,  
em seu repouso para sempre enclausurada.*

Um fio de fumaça rodopiou agourento a partir da lareira de Aurora. Os olhos amarelos de Malévola contrastaram reluzentes contra a escuridão da lareira quando ela se transportou até o castelo do Rei Estevão.

*Enfeitice a Rosa com o brilho abrasador,  
sem susto, sem tristeza, sem fugir do temor.  
Que ela siga sem desespero,  
para dormir eternamente sem esmero.*

Um detestável orbe verde surgiu no quarto da princesa, lançando um brilho verde sobrenatural sobre o rosto pálido da moça quando ela se levantou da penteadeira. A esfera luminosa dançou diante dos olhos dela, enfeitiçando-a a segui-la através da passagem encantada que Malévola criara na lareira. A princesa enfeitiçada subiu atrás do orbe ao longo de uma escadaria fria e escura com um arco que se assemelhava assustadoramente a uma tumba. Malévola ouviu as fadas encrenqueiras entoando o nome de Rosa. Agitando a mão, fechou a passagem, deixando as fadas boas para trás.

Degrau a degrau, Aurora subiu, até chegar à torre mais alta do castelo. A Fada das Trevas transformou a esfera verde maligna em uma roca de fiar. Finalmente sua maldição se concretizaria.

*Assim como gira a roca, o tempo também girará,  
divinal e inevitável.*

*Tecendo minha maldição de sono infindável,  
no cenário dos sonhos ela permanecerá.*

A princesa esticou-se para a roca, mas hesitou. Uma força interna parecia se debater contra o feitiço terrível de Malévola.

– Toque na roca! Toque, eu ordeno! – Malévola comandou. Sua bruxaria sobrepujou a pobre princesa, que se esticou e tocou de leve a ponta da roca. A agulha afiada perfurou-lhe a pele, lançando uma sensação doentia por todo o seu corpo. Ela sentiu a vida sendo drenada de seu corpo à medida que tudo escurecia. A princesa desmoronou aos pés de Malévola, escondidos sob o longo manto da Fada das Trevas.

Naquele momento, as três fadas boas invadiram o cômodo, seus três rostinhos repletos de medo e de preocupação.

Malévola zombou do trio.

– Suas *tolas* simplórias! Acreditaram que poderiam me derrotar? A *mim*? A rainha de *todo* o mal!

Finalmente, ela tinha a princesa Aurora.

Depois de todos aqueles anos, sua maldição havia feito com que a princesa amada adormecesse, exatamente como havia decretado. As tentativas delas de mantê-la a salvo tinham fracassado. Com um floreio, Malévola rodopiou a capa para um lado.

– Bem, aqui está a sua preciosa princesa! – acrescentou, rindo em triunfo.

As três fadas boas arquejaram ante a cena medonha. O corpo inerte da bela Rosa jazia no chão frio de pedras. Sua tiara estava largada ao seu lado, como um presságio de que ela jamais se tornaria rainha.

# **CAPÍTULO I**

## A FADA DAS TREVAS

Corvos negros voavam em círculos, seguindo a Fada das Trevas à medida que ela avançava pela floresta desordenada. A cada passo, as árvores ficavam mais densas. A floresta era um ser vivo, movendo-se e respirando. Suas vinhas se curvavam em si mesmas ao redor de tudo no caminho dela, inconscientemente criando uma escuridão penetrante e profunda conforme se amarravam pelas copas das árvores, obscurecendo o céu. Nas sombras, a Fada das Trevas podia manter as vinhas e árvores sôfregas à distância. Mesmo sem compreender essa faceta de sua magia, Malévola usava-a em seu benefício. Em oposição às histórias ao redor da Fada das Trevas, as trepadeiras não se submetiam por completo aos seus desejos. Ouvira histórias de como ela conseguia controlar a natureza. De como ela podia conduzir florestas terríveis a fim de destruir seus inimigos. Era irônico, considerando-se a realidade. A natureza a amaldiçoara por uma transgressão prévia. A natureza era sua inimiga, e aquela floresta não era nada diferente disso.

Ainda que conseguisse manter a floresta ao largo nas sombras, Malévola não tinha absoluta certeza do que aconteceria se abandonasse o amparo da escuridão fornecida pela abóboda celeste. Perguntava-se se seria capaz de afastar a floresta se andasse sob os raios plenos do sol.

Por enquanto, satisfazia-se com plenitude em ver as folhagens cor de esmeralda definhando e se retraíndo diante de si por causa do calor que seu cajado irradiava. As árvores nas colinas adjacentes se juntavam às vinhas. A folhagem se misturava, criando uma espécie de exército contra ela.

*Não há nada mais assustador para uma floresta do que a ameaça do fogo.*

A Fada das Trevas gargalhou ao lançar um jato de luz verde contra os galhos, que se retraíram ante o calor. Desejou que a floresta lhe desse

motivos para que lhe ateasse fogo. No entanto, controlou seu ímpeto de destruição, lembrando-se de seu objetivo e de seu destino.

Malévola se ressentia de ter de viajar sob tais contingências; odiou ter se afastado da Bela Adormecida e do príncipe apaixonado que ameaçava seus planos. Poucos dias antes, a princesa espetara o dedo em uma roca, bem como sua maldição decretara. Malévola ordenara que seus lacaios sequestrassem o Príncipe Felipe e o levassem para seu calabouço, onde permaneceria distante da princesa adormecida. Ela não permitiria que ele interviesse em seu plano magistral. Mesmo assim, a Fada das Trevas necessitava de auxílio. Precisava de bruxas – de bruxas poderosas que a ajudassem a fortalecer a maldição da Bela Adormecida de modo que ela jamais despertasse. Se não podia matar a princesa, Malévola teria que se contentar com o fato de Aurora habitar para sempre a Terra dos Sonhos. Por isso, a Fada das Trevas se aventurou no Reino Morningstar.

Como desejava estar viajando a partir de seu método preferido, através das chamas... Porém, queria que as bruxas do Castelo Morningstar tomassem conhecimento da sua aproximação. Queria lhes dar tempo para lamentar a perda da Bruxa do Mar e das irmãs esquisitas antes de chegar. Malévola sabia que o motivo da sua visita seria obscurecido pelo medo se aparecesse sem avisar. Por isso, demorou-se caminhando lentamente até o Reino Morningstar, seguindo seus amados corvos. O dossel florestal estava tão denso nesse momento que ela não via seus pássaros voando logo acima, mas sua magia era forte o suficiente e lhe permitia enxergar o caminho que jazia adiante, por meio dos olhos deles. Adorava esse aspecto da sua magia mais do que qualquer outro. Fazia com que se sentisse voando com eles, livre do mundo. Mas Malévola não precisava de magia para encontrar seu caminho. Os corações das bruxas a atraíam para elas, brilhando como um farol iluminado entre as ruínas de algumas das maiores feiticeiras de seus tempos.

Malévola enviara Diaval na frente até o Reino Morningstar. Conforme a ave circundava o castelo, ela conseguia ver a extensão da carnificina e da destruição deixada no rastro de Úrsula. Envolvida pelos restos da Bruxa do Mar, a antiga fortaleza quase pulsava de ódio. Malévola não amava Úrsula e não lamentava sua perda. Na verdade, acreditava que muitos reinos em terra e no mar estavam melhores sem tamanha bruxa tola e avara por

poder. Úrsula arriscara a vida de todos eles ao criar um feitiço tão perigoso pelo qual as irmãs esquisitas agora sofriam as consequências.

Malévola não previa o futuro, tal qual algumas bruxas e fadas, mas era boa juíza de caráter. Pressentira o volume de poder que Úrsula vinha acumulando, e tivera certeza de que a Bruxa do Mar trairia as irmãs. Apenas desejou que as irmãs esquisitas tivessem dado ouvidos aos seus avisos. Malévola outrora as amara profundamente, embora mais recentemente parecessem parentes distantes que mal suportava e às quais evitava sempre que podia. Esforçou-se para se lembrar de como foram um dia, para se lembrar de como as amara. Mas esse sentimento – *amor* – era apenas uma lembrança.

Talvez fosse melhor assim. As irmãs esquisitas tornaram-se um incômodo, enlouquecendo um pouco mais a cada ano. Já não sentia mais a presença delas no mundo – nem em seu coração – e subitamente sentiu uma afinidade com as irmãs como há muito não sentia. Tentou se lembrar de como era preocupar-se com elas – ou com qualquer pessoa, a bem da verdade. Mas não conseguiu. E agora as irmãs estavam perdidas para ela; distantes demais para o alcance da sua magia. Isso quase a entristeceu.

Tristeza. O sentimento se esquivara dela por tanto tempo que sua lembrança era como um sonho embaçado. E era ali que estavam as irmãs: em um sonho, perdidas para sempre para o mundo desperto.

Vagando em sonhos. Sozinhas.

Malévola não desejava pensar no que as irmãs sonhavam ou em como o mundo dos sonhos se apresentava para elas. Viver em um cenário fantasioso equivalia a morar nos lugares mais profundos e sombrios da mente. Não conseguia imaginar quais segredos ganhavam vida para as irmãs em sua nova realidade. Estremeceu ao pensar na Terra dos Sonhos sendo invadida pelos pesadelos das irmãs, e imaginou se elas encontrariam a Bela Adormecida em seu próprio cantinho dessa visão onírica.

*Que vão para Hades essas irmãs com seus espelhos, suas rimas e sua loucura! Elas tinham que salvar sua preciosa irmãzinha!*

Mas a velha rainha no espelho fora quem melhor as definira: “*Como muitas de nós, Malévola, aquelas odiosas irmãs foram incapazes de pensar com sensatez quando sua família correu perigo.*”

Malévola rira perante a velha rainha, a quem conhecia como Grimhilde. Dentre tantos absurdos, ela se referir a *família* para Malévola... Mas

engolira as palavras como se fossem pedras afiadas, não desejando mencionar a filha da velha rainha, Branca de Neve, que agora vicejava como rainha em seu próprio reino.

O pensamento causou náuseas a Malévola.

Como seria experienciar uma vida tão encantadora? Viver intocada pela discórdia que dilacerara tantos reinos? Mas isso era feito da velha rainha, não? De alguma maneira, a magia dela agora era maior do que durante sua existência. Grimhilde atravessara o véu da morte para manter a filha e a família a salvo. Talvez esse fosse o castigo de Grimhilde por ter tentado matar Branca de Neve quando esta era criança. Grimhilde assumira o lugar do próprio pai no espelho mágico. Seria escrava de Branca de Neve para todo o sempre, assim como o pai de Grimhilde fora dela antes disso. Estava amaldiçoada a ser a protetora de Branca de Neve – sem nunca descansar. Vigiava constantemente Branca de Neve enquanto esta dormia, e para sempre protegeria os filhos e os netos de Branca. Eternamente levando felicidade para aquela pirralha infernal e sua prole.

O amor de Grimhilde pela filha pesou no estômago de Malévola como uma pedra fria, provocando um formigamento que revelava à fada má que ela deveria sentir algo a respeito. Um pressentimento de que isso teria tocado o seu coração. Mas empurrou essa suspeita para junto de outras que habitavam o fundo do seu estômago. Imaginou que todas elas se pareciam com pedaços partidos de uma pedra angular. Imaginou como todas elas poderiam caber ali e como era possível que alguém tão pequeno conseguisse carregar tudo aquilo. Às vezes, sentia que o peso delas a esmagaria; no entanto, isso nunca aconteceu. Supunha que todos carregassem seus fardos ali. Parecia o lugar ideal – perto do coração, mas não tão ameaçadoramente próximo.

As irmãs esquisitas um dia lhe disseram que Grimhilde também mantinha sua dor no estômago. Para a velha rainha, fora como se vidro quebrado estivesse cortando-a por dentro. Malévola perguntou-se o que seria pior: o peso do seu fardo ou a dor de Grimhilde. As irmãs esquisitas teriam lhe dito que ambos seriam capazes de destruir seu hospedeiro. Mas Malévola sentia como se o peso da sua tristeza a mantivesse com os pés no chão, firme. Sem sua dor, ela poderia simplesmente sair flanando.

As irmãs esquisitas decretaram que a rainha pirralha e sua família fossem deixadas em paz, a fim de não enraivecer Grimhilde. Mas Branca

de Neve não era completamente intocada pelas irmãs esquisitas, não é mesmo? A velha rainha Grimhilde não podia controlar os sonhos da filha. Isso não lhe cabia. Não era seu domínio.

Os sonhos pertenciam às fadas boas e às três irmãs.

## **CAPÍTULO II**

## RÉQUIEM

Duas bruxas, diferentes em idade e em escola de magia, ainda que com corações e sensibilidades muito semelhantes, estavam no alto das colinas uivantes pelo vento, próximas ao Castelo Morningstar. O mar borbulhava com uma espuma negra pútrida, e o céu estava carregado com uma densa, intensa fumaça púrpura que obscurecia a luz do dia e encapsulava o reinado em um véu de sombras.

Em toda parte onde olhava, Circe via manifestações de Úrsula que explodira ao redor deles. Era uma visão nauseante. A destruição escurecia a costa e entristecia os corações das bruxas. Circe teria de usar sua magia para trazer de volta vida e prosperidade ao reino, mas ainda não estava pronta para enfrentar a tarefa – ainda não. Ela sabia que ao fazê-lo estaria obliterando o que restava de sua velha amiga Úrsula.

– Uma velha amiga que arrancou a alma do seu corpo, tornando-a apenas uma casca. A sua e a de incontáveis outras almas – Babá a recordou, lendo seus pensamentos.

Circe apenas sorriu de leve, sabendo que Babá tinha razão. Mas ela via *aquela* Úrsula, aquela que a traíra, como alguém totalmente diferente da que conhecera quando era menina. Úrsula fora uma figura selvagem e carismática. Fora a melhor amiga das irmãs de Circe e como uma tia para ela – uma grande bruxa que trazia bolas de brinquedo e que lhe contava histórias sobre o mar. Esta criatura, esta coisa na qual se transformou, não era a Úrsula que Circe amara. Úrsula se transformara em outra pessoa, em alguém consumido pela dor, pela raiva e pelo desejo de poder. Uma mulher que fora levada às profundezas do desespero por um irmão que a detestava. Circe se lembrou de ter ido até Úrsula naquele dia; lembrou-se de ter pensado que outro indivíduo – não, *outra coisa* – a fitava por trás dos olhos de Úrsula. Foi arrepiante até de lembrar.

Circe teve vontade de fugir dela naquele dia, mas disse a si mesma que tudo não passava da sua própria imaginação. Lembrara-se de que sempre

confiara em Úrsula. Jamais imaginara que ela lhe faria mal. Mas, caso Circe quisesse ser sincera consigo, não havia como negar que a *criatura* dentro de sua velha amiga naquele dia quis lhe fazer mal. Circe apenas não quisera enxergar isso antes. Negara seu medo, deixara-o de lado e obrigara-se a ver a mulher a quem amava. E foi assim que permitiu ser capturada pela temida Bruxa do Mar. Foi assim que Úrsula teve a possibilidade de usá-la como peão para manipular suas irmãs.

A mulher a quem ela amava a traíra.

*Não, Úrsula traiu a si própria.* E agora estava morta, reduzida a nada além de fumaça, barro e cinzas. Estava além do auxílio de Circe. Ainda assim, Circe se torturava com perguntas. Por que Úrsula não a abordara com honestidade? Por que não lhe contara toda a história – a história que contara para as suas irmãs? Ela poderia tê-la ajudado a destruir Tritão sem a necessidade de envolver a filha mais nova dele. Nada disso fazia o menor sentido. Úrsula devia saber que Circe tinha poderes para destruir Tritão, mas também sabia que Circe jamais arriscaria a vida de Ariel.

*Maldito Tritão pelo mal que fez à irmã! Amaldiçoado ao Hades pela sua convivência! Que se danasse por fazer Úrsula esconder sua verdadeira identidade. Maldito fosse ele por transformá-la de propósito em uma criatura odiosa!*

Ela precisava recorrer a todas as suas forças para não lançar maldições ao Rei Tritão. Desejava dizer-lhe que, quando tocara no colar de Úrsula, ela vira tudo o que Úrsula vivenciara – os motivos da sua raiva, tristeza e dor. Circe ouvira cada palavra violenta e testemunhara todos os atos odiosos que Úrsula suportara de Tritão. Isso dilacerara seu coração, assim como deve ter acontecido com Úrsula. Talvez um dia Circe tivesse a oportunidade de jogar as palavras de Tritão em sua cara. Mas não o faria agora. Não enquanto o ódio por ele ainda latejava com tamanha intensidade em seu coração. A dor era recente demais.

E, então, algo um tanto triste ocorreu a Circe: familiares são capazes de causar mais danos do que qualquer outra pessoa. Famílias eram um sofrimento verdadeiro. Elas têm a capacidade de lhe arrancar o coração como ninguém mais. Podem destruir seu espírito e deixá-lo sozinho nas profundezas emaranhadas do desespero. Famílias podem arruiná-lo, mais até do que um amante seria capaz, e certamente pior do que o mais querido dos amigos faria. Famílias detêm esse poder sobre você.

Circe conhecia bem demais a sensação de ter o coração partido pela família. Tinha suas próprias irmãs problemáticas – as irmãs esquisitas. Elas eram capazes de derrubar uma casa aos berros em um acesso de raiva ou de birra. Mas suas irmãs a amavam apaixonadamente – até demais. Nunca duvidou disso. Sabia que tinha o amor delas e que sempre teria, pouco importando o que lhes acontecesse. Agora suas irmãs estavam aprisionadas em uma morte onírica, tudo porque as deixara e se permitira ser enganada pela Bruxa do Mar. Tudo isso por ter sentido raiva do quanto elas a amavam. Elas a amaram tanto que teriam destruído qualquer um e feito qualquer coisa a fim de protegê-la. E como ela retribuiu?

Ela as condenou por assombrarem a Fera. Gritou com elas por terem colocado a vida de Tulipa em risco. Foram responsáveis por muitas mortes e transgressões. Circe estava certa de que sequer tinha conhecimento acerca de todas elas. Mas nada disso parecia importar agora. Não enquanto suas irmãs jaziam alquebradas, como se estivessem mortas, sob o vidro do domo no solário de Morningstar. Seus olhos estavam arregalados. Por mais que Circe tivesse tentado, não conseguira fechá-los. Será que as irmãs sabiam o que lhes havia acontecido? Lembravam-se de terem combatido o feitiço de Úrsula para salvar a irmã caçula? Será que se lembravam de terem lutado contra o próprio feitiço, tão imbuído de ódio que quebrá-lo exigiu delas todas as suas forças? Para Circe, elas pareciam assombradas enquanto fitavam o vazio. Nenhuma magia era capaz de conferir às irmãs uma aparência de serenidade. Parecia que, mesmo em seu sono, elas estavam sob punição, pagando por cada ato perverso cometido por elas e pelo papel desempenhado na derrocada de Úrsula. Circe se perguntou se as irmãs conseguiam ver que os restos de Úrsula manchavam o vidro do domo, encapelando-se acima, espesso, negro e pútrido. Sentiriam o ódio de Úrsula emanando de cada superfície do reino? Será que Circe estava prolongando a tortura das irmãs ao não limpar Morningstar? Era hora de seguirem em frente – de libertar o castelo dos restos de Úrsula. Mas como? Para onde a magia de Circe os mandaria? Qual seria o protocolo para quando uma bruxa do calibre de Úrsula morria? Quais seriam as palavras a serem pronunciadas? A cabeça de Circe girava com tantas perguntas.

*Como honrar uma bruxa que a traiu?*

– Nós a deixamos descansar em paz – Babá disse com suavidade, passando um braço ao redor dos ombros de Circe. – E limpamos a terra. Venha, minha querida, eu a ajudarei.

## CAPÍTULO III

## A GRANDE RAINHA DO MAR

O Farol dos Deuses reluzia magnificamente sob a rútila luz solar enquanto as bruxas permaneciam de pé, em silêncio, para honrar a Bruxa do Mar. Flores rosa, roxas e douradas choviam sobre a multidão agrupada para prantear o falecimento de uma rainha grande e temida. Babá acomodara os restos de Úrsula em um barco construído a partir de uma delicada palha dourada, e adornado com lindas conchas e areia branca brilhante. O barco cintilava sob o sol e se refletia belamente na água turva. As ondas brilhavam com a palha dourada que se misturava com as flores em sua superfície. Circe deu um leve empurrão no barco, afastando Úrsula para as ondas.

– Adeus, ó grande bruxa – disse com suavidade.

A Bruxa do Mar parecia serena, e Circe estava grata pelo fato de Babá ter reunido os restos de Úrsula a fim de poderem honrá-la. Era um tributo à altura da Rainha do Mar. Circe sabia que, se Tritão tivesse dado a Úrsula sua posição de direito ao seu lado no trono, ela ainda estaria viva. E era isso o que mais feria o coração de Circe.

Circe segurava a mão de Babá com força enquanto davam adeus. O coração de Circe estava apertado ao se despedir da amiga, mas estava grata por ter Babá, a Princesa Tulipa e o Príncipe Popinjay ao seu lado. Todos pareciam pensativos ao absorver a magnitude da grande perda. Pode ter passado despercebido a todos, mas Circe notou quando Popinjay tomou a pequenina mão de Tulipa na sua. Apertou-a com suavidade, como que para lembrá-la de que estaria ao lado dela caso ela necessitasse. Circe sorriu porque sabia que a bela princesa poderia enfrentar quaisquer desafios que surgissem em seu caminho sem a ajuda de Popinjay. No entanto, Circe estava contente por ele estar com Tulipa.

Tritão não compareceu à cerimônia. Fora avisado de que não seria bem recebido, então Circe se surpreendeu ao ver o povo das sereias habitantes do reino de Tritão vir para prestar homenagem. Teve que se perguntar se

Tritão declarou sua convivência ao seu povo, e se seria esse o motivo de alguns deles parecerem lamentar de fato a morte de Úrsula. Será que alguns deles se apiedavam de Úrsula ou, pelo menos, entendiam os motivos dela após terem ouvido sua história? Talvez estivessem ali simplesmente para verem com os próprios olhos que a Bruxa do Mar já não era mais uma ameaça. Circe não tinha como saber.

Uma das sereias da Corte de Tritão nadou até Circe e Babá. Era bela e estava adornada com uma coroa de pontas feita de corais delicados. Sua voz tinha uma entonação suave que parecia familiar.

– Olá, meu nome é Attina – a jovem sereia anunciou. – Sou a filha mais velha de Tritão. Ele me enviou para garantir que a irmã dele recebesse um funeral adequado. – Olhou para as bruxas, que a encaravam sem qualquer expressão. Nervosa, ela continuou a falar. – Espero que não se importem por eu e minhas irmãs estarmos aqui.

A Babá fitou para o grupo de sereias. Todas olhavam na direção das criaturas, com expressões preocupadas.

– Se estão aqui para honrá-la, querida, então são mais do que bem-vindas.

Circe olhou para Attina com suspeita.

– Estou surpresa que estejam aqui depois de tudo o que Úrsula fez com sua irmã caçula.

Attina sorriu, mas seus olhos estavam tristes.

– E eu estou surpresa por você honrá-la com tanta graciosidade depois de Úrsula quase tê-la destruído.

Circe sentia que a jovem estava em conflito. Estava dividida entre a lealdade à irmãzinha Ariel e sua obrigação em relação a uma mulher que não soubera ser sua tia.

– Estou aqui por meu pai. E por Úrsula, pela mulher que ela poderia ter sido caso meu pai não tivesse arruinado todo o bem que havia dentro dela – Attina acrescentou.

Sua resposta bastou para Circe.

– Então, você é bem-vinda aqui, Attina. Diga a seu pai que demos um funeral à altura de uma rainha. É isso o que ela era e que sempre será: a Rainha do Mar.

A sereia voltou nadando para junto das irmãs. Na companhia umas das outras, observaram a procissão de embarcações acompanhando o belo

barco de palha dourada de Úrsula se afastando mar adentro. Fogos de artifício foram lançados dos barcos, lançando luzes douradas bem alto no céu. Debaxo delas, o barco de Úrsula foi levado pela correnteza, a palha fina se dispersando e libertando os restos mortais no mar, onde a feiticeira jazeria para sempre em tranquilidade. Circe inspirou fundo e exalou lentamente. Sua velha amiga enfim estava em paz.

Por um instante, Circe se sentiu relaxada. Estava provando um daqueles momentos perfeitos quando tudo é belo, até mesmo a tristeza. E desejou poder viver naquele instante só mais um pouquinho. Mas o presente logo se transformou no passado quando ouviu Babá arquejar ao seu lado. Ao longe, as bruxas enxergaram um imenso vulto. Parecia uma floresta viva entremeada a vinhas espinhentas, subindo e se retorcendo em volta das colinas rochosas além do Castelo Morningstar. E com isso veio uma escuridão agourenta e terrível que abrigava algo sinistro. Flanando acima da escuridão, em meio às nuvens turbulentas partidas por raios de luz verde, estavam os corvos de Malévola – os verdadeiros augúrios do mal.

Circe conseguia sentir a energia alarmante da floresta com sua magia; sabia que a floresta não vinha destruí-las. Ela estava tentando proteger Morningstar da Fada das Trevas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Malévola: A Rainha do Mal" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).